



O Intelectual e as Classes Populares: uma análise do livro “A Hora da Estrela”

Gabriela S. Lage*, Alfredo C. Melo

Resumo

A pesquisa tem por objetivo entender através de um processo de comparação o pensamento comum que rege as produções intelectuais, não só no âmbito da literatura, mas também no cinema e no gênero ensaístico. A análise terá como base o recurso da metaficção utilizado por Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*, colocada em oposição com a adaptação fílmica da obra e com o ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* de Antonio Candido, visando compreender como as representações das classes populares são construídas no cenário intelectual e o quanto as diferenças sociais influenciam nessas representações.

Palavras-chave:

A Hora da Estrela, metaficção classes populares.

Introdução

A Hora da Estrela relata a história de Macabéa, uma jovem nascida no sertão do Brasil que se muda para o Rio de Janeiro e não consegue se adaptar à cidade. Ela não compreende nenhuma forma de cultura, arte ou mesmo raciocínios complexos; sequer consegue manter relacionamentos, uma vez que seu namorado a troca por sua única amiga. Tudo se encerra de forma trágica no momento em que ela é atingida por um carro e morre.

A história, no entanto, é contada por Rodrigo SM, um escritor de classe média que descreve Macabéa sob uma perspectiva hostil e estereotipada. Esse uso irônico da metaficção, que apenas posteriormente passou a ser visto pela crítica literária como uma denúncia a postura do intelectual na representação das classes populares, levanta a questão de como o olhar vindo das classes mais abastadas influencia essas representações.

A obra foi, em 1985, adaptada para o cinema por Suzana Amaral. No filme, no entanto, Rodrigo e a metaficção não estão presentes, o que leva ao questionamento acerca do motivo pelo qual a diretora ignora esse aspecto da narrativa, o que essa pesquisa se propõe a investigar, juntamente com a existência de um discurso em comum do intelectual acerca das classes populares, através de uma comparação entre a visão de Rodrigo em *A Hora da Estrela* e o ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* (1970) de Antonio Candido.

O processo se dará numa tentativa de verificar a hipótese de que essa semelhança se constrói devido a uma concentração dos meios de produção cultural e intelectual nas mãos de uma só classe, que tenta representar o pobre e, devido à grande distância social, reproduz estereótipos.

Resultados e Discussão

A análise foi realizada através do método comparativo, observando os trabalhos acima citados. A princípio, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de compreender alguns conceitos importantes para a discussão, como as adaptações de obras literárias. Como Hutcheon (2006) aponta, a adaptação é, acima de tudo, uma interpretação. Essa ideia serviu como base para a construção do trabalho.

No trabalho *Teoria e Política da Ironia* (2000), Hutcheon introduz o conceito de comunidades discursivas, que

compartilham certa quantidade de concepções sobre o mundo e que possibilitam que a ironia ocorra. Dessa forma, é possível dizer que Suzana Amaral, enquanto adaptadora de *A Hora da Estrela*, interpreta a obra baseando-se em suas próprias comunidades discursivas. Essa é uma razão provável pela qual a diretora ignora a ironia presente na obra de Clarice Lispector.

Assim, é necessário definir as bases do discurso de Amaral acerca das classes populares. Ridenti (2000) traz uma narrativa acerca das esquerdas brasileiras que demonstra uma grande preocupação por parte dos intelectuais em definir uma imagem do povo brasileiro e do pobre no Brasil.

Por fim, as ideias citadas nesse discurso em comum foram identificadas no debate de Antonio Candido acerca da cultura em países subdesenvolvidos e sobre as massas e sua vulnerabilidade à manipulação.

Conclusões

Como colocado por Regina Dalcastagné (2000), o conceito de “massas” é frequentemente usado meramente como um instrumento de segregação, mesmo quando vindo de autores progressistas, como Candido, uma vez que serve como uma forma de definir as classes populares como um grupo homogêneo.

Através da leitura do trabalho de Ridenti, é notável quantas vezes os intelectuais de esquerda almejam uma aproximação com as classes populares, assim como representa-las. A distância de realidades, no entanto, permaneceu um obstáculo. Esse obstáculo seria o que obliterou a interpretação de Amaral em *A Hora da Estrela* e criou a singularidade desse filme, que ignora um elemento central da obra adaptada, a metaficção.

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Adaptation*. New York: Routledge, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e Política da Ironia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

DALCASTAGNÉ, R. *Contas a prestar: O intelectual e a massa em "A Hora da Estrela," de Clarice Lispector*. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* v. 26, n. 51, p. 83–98, 2000.